

Marcondes Filho, Maturana, Bateson e Watzlawick: Novas Tecnologias e Ausência de Comunicação

Ana Celia Martinez Guarnieri¹

Resumo:

O presente artigo apresenta diferentes definições da comunicação e do evento comunicacional e procura uma maior compreensão de sua ocorrência em um mundo em constante transformação tecnológica. Iniciamos com os ensinamentos de Marcondes Filho e sua Nova Teoria da Comunicação. Em um segundo momento, passamos às teorias de Humberto Maturana, para quem comunicação é linguagem. Por fim, apresentamos as concepções de comunicação de Gregory Bateson e de Paul Watzlawick, que partem do pressuposto de que é impossível não comunicar.

Palavras-chave: Nova Teoria da Comunicação, Marcondes Filho, Humberto Maturana, Paul Watzlawick.

Abstract:

The present article examines different definitions of communication and of the communicational event and seeks a greater understanding of its occurrence in a world of constant technological change. We begin with the teachings of Marcondes Filho and his New Communication Theory. In a second moment, we present the theories of Humberto Maturana, for whom communication is language. At last, we introduce the concepts of communication of Gregory Bateson and Paul Watzlawick, which affirm that it is impossible not to communicate.

Keywords: New Communication Theory, Marcondes Filho, Humberto Maturana, Gregory Bateson.

Comunicação e Solidão

No final da década de 1990, em meio ao *boom* da alta tecnologia, passei algumas horas num café na área dos teatros de São Francisco. (...) Observei uma cena recorrente lá fora. A mãe está amamentando seu bebê. Os garotos estão beliscando seus bolinhos, em suas cadeiras, com os pés balançando. E lá está o pai, ligeiramente reclinado sobre a mesa, falando ao celular. (...) Deveria ser

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela USP; Professora do Curso de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Preventivas da Violência, Direitos Humanos e Segurança Pública da FESPSP.

uma. revolução nas comunicações., e no entanto aqui, no epicentro tecnológico, os membros dessa família estavam evitando os olhares uns dos outros. (BAUMAN, 2004).

Vivemos uma grande fantasia no que diz respeito à comunicação. Celulares, computadores eternamente conectados, tudo parece chamar o homem moderno, dos séculos XX e XXI, para a comunicação. As novas tecnologias de comunicação prometem intensificar as trocas entre pessoas e o compartilhamento de sensações e emoções. No entanto, o homem nunca esteve tão só. Segundo Cajueiro dos Santos (2003), se no final do século XIX, a histeria e a neurastenia tiveram uma grande repercussão social em alguns países ocidentais, hoje é a depressão e a sua ligação com a solidão que revelam as mutações da individualidade.

A solidão, na atualidade, relaciona-se de forma direta a uma necessidade, pouco clara e evidente, do outro. Trata-se da necessidade da presença física, de se saber que há alguém ao lado, o que não ocorre nas conversas telefônicas ou na troca de correspondência pela internet. Observamos cenas em que a simples presença de mais pessoas em um velório, em um bar ou em uma pescaria parece ser suficiente para superar a angústia da solidão. São momentos em que se recupera alguma sociabilidade. Por outro lado, quando nos conectamos à internet, nossa cabeça parece estar “cheia de gente”, mas estamos sozinhos na sala, no quarto ou em qualquer outro lugar. Verificamos trocas de informações e até mesmo de emoções por meio dessa pluralidade de tecnologias, mas parece que essas formas de comunicação não são suficientes para que o homem não se sinta só. Tem-se a impressão de que a “comunicação real” estaria, de alguma forma, relacionada à presença física.

Procuramos, com o presente artigo, explorar definições de comunicação pouco utilizadas por estudiosos da comunicação e por aqueles que procuram compreender os efeitos das novas tecnologias na forma das pessoas se comunicarem.

Comunicação para Marcondes Filho

O termo comunicação designa, em geral, o ato de transmitir e trocar signos e mensagens, referindo-se também à circulação de bens e pessoas. De forma mais ampla, ela

se aplica aos processos técnicos de transmissão e troca de mensagens que vieram com a imprensa, o rádio, a televisão, os satélites. Segundo Marcondes Filho, os estudiosos da comunicação ora se dedicam à pesquisa eminentemente linguística, ora à pesquisa dos sistemas de comunicação como grandes complexos de transmissão de informações, ora se voltam para comunicações espontâneas ou inconscientes. Mas todos esses modelos são parciais, apesar de suporem dar conta do processo comunicacional. São definições que pecam por se aterem ao plano formal da comunicação, constituindo-se em meras definições nominalistas que nada dizem sobre o processo humano de comunicar. O autor cita a personagem Gregório, na *Metamorfose* de Kafka, que não morreu porque se transformou em barata, mas porque perdeu a possibilidade de comunicação com a família. (MARCONDES FILHO, 2002).

Para Marcondes Filho, os mais ingênuos e muitos linguistas acreditam que para haver a comunicação basta a transmissão de A para B de uma mensagem, por meio de um código, através de um canal. E que se trata de B decodificar o que A emitiu e incorporar internamente essa mensagem por meio do processo dialógico. Essa corrente prende-se ao lado puramente formal da comunicação e da linguagem, toma seres humanos como meros sistemas técnicos que emitem, recebem e voltam a emitir.

O autor compreende a comunicação como um processo social, um acontecimento, uma combinação de múltiplos vetores (sociais, históricos, subjetivos, temporais, culturais), que se dá pelo atrito dos corpos e das expressões e deve ser trabalhada como um “tornar comum”, como uma espécie de vínculo que se estabelece entre dois seres que sinalizam um para o outro e que tentam colocar em contato mundos que são próprios, peculiares, interiores a si mesmos. Ela “não é nada ontológica, nenhuma coisa que ‘passe de um para outro’, que se materialize em mensagens ou se autonomize em entidades conceituais em si. Não sendo, em princípio, nada que possa ser separado, ela não permite nenhuma verdade, não pode ser traduzida”. (MARCONDES FILHO, 2004).

Ainda segundo o autor, o *evento comunicacional* não acontece necessariamente entre pessoas que se relacionam *para essa finalidade*, mas acaba necessariamente acontecendo na presença muda, nos olhares, no contato dos corpos. Há comunicação

quando consigo fazer com que o outro atinja a mesma faixa de frequência de meu pensamento, entre em minhas idéias, as sinta como eu. Como diria Merleau-Ponty:

O meu pensamento e o do outro formam um tecido comum. Meus propósitos e os de meu interlocutor são solicitados pelo estado da discussão e se inserem numa operação comum, na qual nenhum de nós dois é criador. Há aí um ser em dois e o outro para mim não é mais um simples comportamento de meu campo transcendental, nem aliás eu no dele, nós somos um para o outro colaboradores numa reciprocidade perfeita. Nossas perspectivas deslizam uma para a outra, nós coexistimos através do mesmo mundo. (MERLEAU-PONTY, 2001).

Definição similar à proposta por Marcondes Filho pode ser encontrada em entrevista com o terapeuta familiar Harry Goolishian em que, respondendo à pergunta “O que sustenta a efetividade de uma conversação terapêutica? Como se distingue, em termos de efetividade terapêutica, uma conversação com um terapeuta de uma conversação com um amigo?”, ele afirmava:

É necessário distinguir entre falar e estar em uma conversação. Estar em uma conversação é sempre manter intercâmbios dialógicos em que se criam novos significados. (...) É possível falar de maneira tal que não se esteja em uma conversação: neste falar no qual não há diálogo, não existe necessariamente criação de significados. (...) Quando nos referimos a conversações, estamos falando sempre de intercâmbios. Na situação de um vizinho que diz a outro: - que bonito está o dia, hoje!, e o outro responde: - sim, hoje está bonito, mas ontem choveu muito, não existe intercâmbio de significados, não se criou nada de novo. (CRUZ, 1998).

Marcondes Filho compreende assim a comunicação como um acontecimento que nos modifica e modifica o outro. Ele não descreve o acontecimento comunicacional nas trocas de emails ou em salas de bate-papo. No entanto, não é raro o relato de pessoas que se apaixonam e vivem momentos de grande intensidade emocional em frente a telas de computadores. Pode-se afirmar que há, nesses momentos, uma “comunicação real”, como descrita por Marcondes Filhos, ou será que o que prepondera é, como afirmam alguns pesquisadores, uma mistura de fantasia e narcisismo? Utilizamos as lições de Humberto Maturana e de Gregory Bateson para aumentar nossa compreensão da importância da presença física para o “acontecimento comunicacional”.

Comunicação para Maturana

O biólogo chileno Humberto Maturana, nascido em 1928, é criador da teoria da autopoiese e faz parte dos propositores do pensamento sistêmico e do construtivismo radical. Para Maturana, a linguagem, diferentemente do sentido que lhe dão os linguistas, não é constituída de trocas simbólicas, não é a relação de significação e sentido, mas pura e simplesmente uma forma de comunicação (conjunto de comportamentos, gestos, movimentos, sons, posturas corporais), e as palavras são apenas “nós” no que ele chama de “fluir das coordenações de ação”. Elas funcionam para atar, para ligar coisas num fluir em que só interessam as próprias coordenações de ações. Não vem ao caso o quê se fala, mas como as coisas funcionam via linguagem. Linguagem, assim, é formalização e não simbolização, seus usos não interessam e todos os conceitos reduzem-se à situação de signos em relação a um dado ao qual eles permanecem exteriores. (MARCONDES FILHO, 2006).

Dessa forma, comunicação é linguagem: “nenhum comportamento isolado, nenhum gesto, nenhum movimento, nenhum som, nenhuma postura corporal, por si só, é parte da linguagem. Mas, se está inserida no fluir de coordenações consensuais de ação, é parte da linguagem. (...) Linguagem tem a ver com o fluir em recursão nas coordenações consensuais de conduta, e podemos fazer isso de muitas maneiras. E de fato o fazemos: com o corpo, com o som, com os gestos.” (MATURANA, 2001).

Assim, ao debruçar-se sobre a questão “o que levou a que o tamanho do cérebro entre os hominídeos crescesse de 450 para 1.450 centímetros cúbicos?” e ao constatar que não foi o uso das ferramentas que provocou semelhante evolução, mas a linguagem, Maturana sugere que um comportamento aproximativo, uma certa socialidade (o toque, o acariciar-se mútuo na convivência de interações consensuais) foi o que provocou o surgimento do homem, não o discurso propriamente dito. Bastou a convivência e as interações, em uma palavra “seu modo de vida”, para que ocorresse o crescimento do cérebro. (MARCONDES FILHO, 2006).

Para Maturana, a existência humana acontece no espaço relacional do conversar. Na história de nossa espécie, a conservação de um modo de vida baseado na ternura, na

sensualidade e no compartilhar da comida pode ter gerado evolutivamente um modo de coordenações consensuais de comportamentos consensuais, ou seja, a linguagem. A linguagem pode assim ser concebida como uma possibilidade de, através da negociação de sentidos e de sons, ampliar a gama de relações entre pessoas e entre elas e seu ambiente. (MATURANA, ZÖLLER, 2004).

Maturana afirma ainda que é somente na disposição corporal de aceitação que pode ocorrer a coexistência social. A essa disposição de aceitação ele denomina *amor*, comportamento observável em todos os animais sociais, especialmente entre os mamíferos. Nesse contexto, o conversar é entendido como o entrelaçamento entre linguagem e emoção.

Tal entrelaçamento não parece ser possível em relacionamentos que se dão de forma predominantemente não presencial. Como definir e compreender o amor, como descrito pelo autor, em conversas que ocorrem, quase que exclusivamente, em teclados de quartos solitários?

Comunicação para Bateson

Gregory Bateson nasceu em 1904, na Inglaterra. Sua formação acadêmica deu-se no campo da biologia e da genética, tendo posteriormente se dedicado ao estudo da antropologia e da etnologia. No *Palo Alto Mental Research Institute*, Gregory Bateson estudou a comunicação com base na observação de diferentes formas de comportamento humano e animal.

Para Bateson, o contexto externo é imprescindível e é lá que se engendram atitudes, comportamentos, o desenvolvimento da vida. Relacionar-se com o outro, comportar-se socialmente é necessariamente comunicar; não comunicar é simplesmente impossível.

São as seguintes as suas principais teses no campo da comunicação: (1) a comunicação é um processo mais analógico do que digital, ou seja, ela ocorre em vários níveis verbais e não-verbais, e é exatamente nos não-verbais que ela é mais eficiente; assim, o processo humano de comunicação configura-se como um “jogo” com esses vários níveis ou tipos lógicos; (2) comunicação é o mesmo que comportamento, realiza-se automaticamente na medida em que existimos, é um processo que não tem oposto, ninguém pode não se comportar, assim como não pode deixar de comunicar; (3) a esquizofrenia é

uma incapacidade de identificar sinais metacomunicacionais; (4) numa relação entre dois agentes, não se pode falar apenas em “transferência de energia”, ocorre muito mais uma “troca de informação”; (5) na mente humana não existem objetos ou eventos, mas somente perceptos e regras; (6) a essência da comunicação é a criação de redundâncias. (BATESON, HALEY, JACKSON, WEAKLAND, 2004).

O autor afirma que, assim como os demais mamíferos, somos seres que se comunicam antes por gestos, posturas corporais e formas não-verbais. A comunicação é assim um processo que envolve diferentes planos e diferentes modulações. O mais elementar é o plano da linguagem verbal indicativa: “Este é um gato”, “O gato está no capacho” etc., que John Austin chamava de *declaração constativa*. Mas esse plano precisa ser “checado” por outros planos que acompanham a fala para ser efetivamente compreendido. Quer dizer, não basta saber que a coisa é dita, é preciso ver *como* ela é dita, se é como informação, advertência, ironia, gozação etc. Estes outros planos da linguagem, acima do plano meramente denotativo, são formas conotativas que podem estar dentro da linguagem (ironias, metáforas etc.) ou fora dela (expressões corporais, faciais, inflexões etc.).

Isso faz com que Bateson diga que a comunicação humana é antes de mais nada um tipo de jogo, mais do que um processo uniforme e lógico. As pessoas têm que saber associar a coerência de uma frase dita a uma determinada situação, à maneira como ela é falada, às intenções claras ou escondidas do falante para poderem se posicionar.

Bateson descreve um processo caótico, em que os atores dão lances criando situações e outros respondem, mas cujo desenrolar é imprevisível por força da própria inconstância da ação dos participantes e de suas expressões verbais e não-verbais. Para o autor, um grande número de pessoas tem, por isso, dificuldade em operar com os diferentes níveis comunicacionais. Uma resposta atravessada é antes uma agressão ao outro e não está associada ao sentido da mensagem. Por exemplo, se um colega de trabalho pergunta ao outro: “Como você conseguiu ir para casa ontem, em pleno horário de expediente?”. E o outro responde: “De carro, ora!”, a resposta foi usada antes como uma farpa à pergunta atrevida do colega. (MARCONDES FILHO, 2007)

As pessoas sempre podem dizer: “Não entendo o que você quer dizer com isso.”, “Foi isso mesmo que eu entendi?”. Mas a sensação é sempre de uma certa nebulosidade, exatamente porque as falas jamais são diretas e suficientes. Diz Bateson que, exatamente por esse motivo, confiamos mais nos meios não-verbais de postura, gestos, expressões faciais, entonação e contexto para comunicar níveis acima do meramente denotativo. (MARCONDES FILHO, 2007).

Nos *Metálogos*, que reúne as conversas que Bateson desenvolve imaginariamente com sua filha, o autor refuta a idéia de que a linguagem é feita de palavras, dizendo, ao contrário, que ela é em primeiro lugar um sistema de gestos. A linguagem dos gestos é muito mais expressiva, mais rica que a linguagem falada e nela confiamos mais; muitas vezes, parar de falar diz muito mais do que continuar falando. É porque no processo humano da comunicação, diz Bateson, captamos primeiro a conotação (*como* a coisa é dita) e só depois a denotação (a própria coisa). Por isso temos dificuldade com os cegos, que nada nos transmitem através do movimento dos olhos. Por isso, também, se dissermos a uma jovem “eu te amo”, ela irá dar mais atenção ao componente cinético e paralinguístico do que à frase propriamente dita, diz Bateson.

Sem fazer uso de concepções freudianas, Bateson afirma que todo o comportamento poderia ser considerado comunicação, mas não em termos das intenções do indivíduo. A comunicação é, sobretudo, uma questão de interação e de regras para a interação.

Comunicação para Watzlawick

A partir das descobertas de Gregory Bateson, desenvolveu-se nos Estados Unidos um campo de pesquisa da pragmática da comunicação humana, que utilizou modelos matemáticos para análise, tratamento e interferência no comportamento das pessoas. Watzlawick, Beavin & Jackson, por exemplo, adotaram uma matriz teórica, segundo a qual todos os comportamentos sociais e, portanto, as práticas comunicacionais no interior desses relacionamentos, são “jogos”, quer dizer, sequências de comportamentos governados por regras, e marcados pelo que eles chamam de *relações e padrões de relações*. Seres humanos, segundo essa escola, são repetitivos e viciosos, da mesma forma que os sistemas

técnicos. Mas não são sistemas fechados, como afirmam Luhmann, Maturana ou Heinz von Foerster. Os sistemas sociais são, como dizem Watzlawick e seus colaboradores pragmáticos da comunicação, sistemas abertos. Literalmente, segundo eles, seria impossível, na moderna biologia, estudar qualquer organismo, ainda que seja o mais primitivo, isolando-o artificialmente do meio. As patologias – ainda de acordo com eles – não são um problema exclusivo do doente.

Paul Watzlawick, ao tratar da pragmática, ou seja, dos efeitos comportamentais da comunicação, parte, assim como Bateson, do pressuposto de que é impossível não comunicar. Para o autor, dessa perspectiva da pragmática, todo o comportamento, não só a fala, é comunicação; e toda comunicação – mesmo as pistas comunicacionais num contexto impessoal – afeta o comportamento. Watzlawick sugere que a impossibilidade de não comunicar faz com que todas as situações entre duas ou mais pessoas sejam interpessoais e comunicativas.

As principais teses dos pragmáticos são as seguintes: (1) a comunicação é comportamento e o comportamento é comunicação; eles não têm oposto: é impossível não se comportar como é impossível não se comunicar; (2) só existem relações e padrões de relações, as quais constituem a essência da experiência humana; (3) comunicação é conflito, envolve um problema de interação; (4) a pontuação organiza os eventos comunicacionais e sua circularidade; (5) a retroalimentação permite que os componentes acomodem-se na patologia.

A afirmação “Não dá para não comunicar” baseia-se no fato de que todo comportamento, e não somente a fala humana, é comunicação. Falar ou ficar em silêncio, dirigir-se ao outro ou fechar-se em seu pequeno mundo, são todas formas de comunicar algo. Da mesma maneira, os autores negam que a comunicação só ocorra quando houver intenção, quando for consciente ou bem-sucedida. “Atividade ou inatividade, palavras ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem; influenciam outros e estes outros, por sua vez, não podem *não* responder a essas comunicações e, portanto, também estão comunicando. Deve ficar claramente entendido que a mera ausência de falar ou de observar não constitui exceção ao que acabamos de dizer”. (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 1967).

Em Pragmática da Comunicação Humana, Watzlawick, Beavin & Jackson utilizam o termo **comunicação analógica** para se referir, como vimos, a toda comunicação não-verbal: “o termo deve abranger posturas, gestos, expressão facial, inflexão de voz, seqüência, ritmo e cadência das próprias palavras, e qualquer outra manifestação não-verbal de que o organismo seja capaz, assim como pistas comunicacionais infalivelmente presentes em qualquer contexto em que uma interação ocorra”. (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 1967). As formas analógicas de comunicação referem-se, dessa forma, ao processo primário do psiquismo, ou seja, ao inconsciente e suas manifestações. Já as formas digitais relacionam-se aos processos secundários, a elaboração lingüística e verbal da comunicação.

Nesse sentido, os autores referem-se à “dupla moldura”: falas pessoais necessitam de uma moldura (das bordas) para dar sentido a um fundo de significação. Comunicação é, assim, ao mesmo tempo, “relação” e “conteúdo”: a relação corporal ou visual dos gestos encaminha o conteúdo verbal da mensagem. A margem ou moldura (comportamento analógico: aquilo que não é código, ou seja, nossa postura, nosso jeito) enquadra o texto (o digital: nossa fala expressa).

Como falar em moldura, tom de voz e expressão facial em conversas digitais? Qual o tipo de comunicação que pode ocorrer quando não vemos o rosto, não escutamos a voz e não sentimos a presença de nosso interlocutor?

A Caminho de uma Nova Teoria da Comunicação

Marcondes Filho entende que a afirmação de que sempre nos comunicamos está vinculada à interpretação do corpo como linguagem, isto é, ao fato de que o inconsciente revela-se sempre, queiramos ou não. Segundo o autor, a psicanálise clássica baseava-se na linguagem do corpo para capturar processos psíquicos internos, de difícil acesso à consciência:

Já que o ego, estrutura consciente e censora, inviabiliza racionalmente o ingresso do analista e do paciente às estruturas subterrâneas que, não obstante, aparecem nos sonhos, nos atos falhos e nos chistes, cabe ao médico sair em busca dessas pistas através do comportamento do paciente. E,

como comportamento é comunicação, a maneira como o corpo se coloca, a posição do tronco, dos braços, das pernas, as expressões, a postura, a entonação, o olhar, o sorriso, as mãos, tudo isso trai o paciente, denunciando, trazendo à luz seu inconsciente. (MARCONDES FILHO, 2007).

Por isso “o corpo fala”, como dizem os manuais populares de psicologia. Isso não significa, para Marcondes Filho, que se aceite que pode haver comunicação sem intenções, pois, mesmo negando que se queira comunicar, do ponto de vista do inconsciente, há intenções, seja na postura, no silêncio ou no não-comunicar.

Para Marcondes Filho, Watzlawick e seus colegas confundem uma transmissão obrigatória de sinais, um “mero existir”, com o comunicar.

É natural que para comprovar a minha presença no mundo eu tenha de me fazer ver. Mas há coisas que não são visíveis e que comunicam, há seres que são visíveis e passam totalmente despercebidos, ou seja, comunicar encerra necessariamente a validação do outro ou das outras coisas. (MARCONDES FILHO, 2002).

Ainda segundo o autor, comunicar é partilhar sentimentos, idéias. Comunicamos pelo olhar, pelo amor. A comunicação ocorre “entre espíritos”.

Marcondes Filho sugere ainda que o mais correto seria dizer que o corpo está sempre emitindo sinais, já que, segundo a forma com que esse autor compreende o processo comunicacional, a comunicação pressupõe a troca mais densa, com resultados novos entre os comunicantes e uma real interpenetração de consciências. A emissão de sinais seriam as *formas analógicas*, no sentido que Bateson lhe confere. As formas analógicas referem-se, segundo o autor, ao processo primário do psiquismo, quer dizer, ao inconsciente e suas manifestações. Já as formas digitais têm a ver com os processos secundários, a elaboração linguística e verbal da comunicação. A comunicação analógica estaria nas origens da evolução, possuindo muito mais validade que a comunicação digital dos discursos, das frases, da pura denotação.

Comunicar efetivamente, para Marcondes Filho, é sentir junto, o mais denso e profundo que se possa imaginar. É um processo que se realiza em graus distintos de sucesso. Para o autor, a comunicação se realiza em *flashes*, momentos, cenas breves e

passageiras, em situações-chave nas quais as condições ótimas de co-possibilidade tenham encontrado uma síntese favorável.

Nesse contexto, a comunicação, como descrita pelo autor, poderia até ocorrer em conversas não-presenciais. Os tais momentos não se restringiriam a tempo e espaço determinados, uma vez que o mais importante seria o sentir e ser modificado pelo outro. No entanto, Marcondes Filho, juntamente com Bateson e Watzlawick, nos fazem lembrar da importância de tudo o que não é dito para a comunicação. Como interpretar uma mensagem quando não vemos, não sentimos, não conhecemos mais o seu emissor?

Será a comunicação apenas um momento transformador ou estará a sua origem, como bem define Maturana, no amor, na presença física, na busca de formas de se viver em sociedade? Os sentimentos parecem estar além da fala. A sensação angustiante da solidão é superada pelo simples estar junto, seja em um velório, em um bar ou em uma pescaria, quando a fala entra como algo puramente acessório. Por outro lado, depois de horas conectado com o mundo, as luzes se apagam e o quarto está vazio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. New York: Ballantine, 1972.

BATESON G., Jackson, Don D., Haley, J., Weakland, John H. "A caminho de uma teoria da esquizofrenia" In: Bateson, G. e outros, *Schizophrenie und Familie*, Frankfurt/M, Suhrkamp, 1984, pp. 11-43. Extraído de: "Towards a Theory of Schizophrenia". Behaviour Science, vol . 1 (1956), pp. 251-246. Trad. Ciro Marcondes Filho

BAUMAN, Zigmunt.. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Editora Jorge Zahar, São Paulo, 2004.

CAJUEIRO DOS SANTOS, Tarcyanie. *Por uma cartografia da solidão*. Tese de doutoramento apresentada à Escola de Comunicação e Artes/ USP, 2003.

CRUZ, Helena Maffei. *Funções da Linguagem: Uma Contribuição às Terapias Construcionistas*. Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Terapia Familiar e I Encontro Latino Americano ABRATEF, 29/07 a 02/08 de 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O Espelho e a Máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio*. Discurso Editorial; Editora Unijuí, São Paulo, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Peripécias de Humberto Maturana no país da comunicação*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 31, dezembro de 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Humberto Maturana*. Revista Ex1st0.com #12 - Jan/Fev/Mar/Abr 2007, São Paulo. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/index.html>

MARCONDES FILHO, Ciro. *O Círculo Cibernético*. Revista Ex1st0.com #12 - Jan/Fev/Mar/Abr 2007, São Paulo. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/index.html>

MARCONDES FILHO, Ciro. *Gregory Bateson*. Revista Ex1st0.com #12 - Jan/Fev/Mar/Abr 2007, São Paulo. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/index.html>.

MATURANA, Humberto & Zöller, Gerda Verden. *Amar e Brincar . Fundamentos esquecidos do humano*. Editora Palas Athena, São Paulo, 2004.

MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. (Org. Cristina Magro, Miriam Graciano, Nelson Vaz) Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Org. e trad. de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte, Ed., UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto e Francisco Varela: *Árvore do conhecimento. As bases biológicas do entendimento humano*. Trad. Jonas Pereira dos Santos, Campinas, Psy II, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Lisboa, Martins-Fontes, 2001.

WATZLAWICK P.; BEAVIN, J.H. & JACKSON, D. J. *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo, Editora Cultrix, 1967.

WATZLAWICK, Paul. *How Real Is Real: Confusion, Disinformation, Communication*. New York: Vintage-Random, 1977.

WATZLAWICK, Paul, WEAKLAND, John H., FISCH, Richard. *Mudança: princípios de formação e resolução de problemas*. Trad. de Jamir Martins. São Paulo: Cultrix, 1977.